

# Trocando espécimens de animais por cabeças-troféu Munduruku: o intercâmbio de Enrico Giglioli com o Museu Nacional na segunda metade do século XIX

---

**Antonio Carlos Sequeira Fernandes \***

**Vittorio Pane #**

**Andrea Siqueira D'Alessandri Forti §**

**Renato Rodriguez Cabral Ramos ¶**

---

**Resumo:** Ao final do século XIX, o Museu Nacional manteve com o Museu Zoológico de Vertebrados do Real Instituto de Estudos Superiores de Florença, Itália, correspondência e permuta de materiais científicos, tanto zoológicos como etnológicos. O responsável pelo intercâmbio foi o naturalista italiano Enrico Hillyer Giglioli que, em 1866, quando de sua memorável viagem ao redor do mundo a bordo da fragata Magenta, visitou as exposições do Museu Nacional. Na sua trajetória profissional interessou-se por diversos temas científicos como a oceanografia, a ictiologia e a ornitologia, além da antropologia e, como diretor do museu de Florença, em 1889 encaminhou ao Museu Nacional exemplares zoológicos provenientes da Itália e outras regiões. Como permuta, revelou seu particular interesse por exemplares etnológicos, incluindo cabeças-troféu Munduruku, amplamente cobiçadas na época e por ele observadas quando de sua passagem pelo Rio de Janeiro. Pesquisas revelaram que, do material por ele enviado, encontram-se atualmente no acervo apenas alguns

---

\* Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Quinta da Boa Vista s/n, São Cristóvão, CEP 20940-040, Rio de Janeiro, RJ. Bolsista de pesquisa do CNPq. E-mail: fernande@acd.ufrj.br

# Museo Geologico Sperimentale, Club Alpino Italiano, Sezione di Giaveno, Piazza Colombatti, 14, 10094 Giaveno (TO), Itália. E-mail: vpane\_mgs@caigiaveno.com

§ Estudante do curso de Graduação em História do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Largo São Francisco de Paula, 1, CEP 20290-240, Rio de Janeiro, RJ. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC/CNPq. E-mail: andreadalessandri@yahoo.com.br

¶ Universidade Federal do Rio de Janeiro, Museu Nacional, Quinta da Boa Vista s/n, São Cristóvão, CEP 20940-040, Rio de Janeiro, RJ. E-mail: rramos@mn.ufrj.br

exemplares de peixes de águas profundas do Mediterrâneo, produto de seus estudos talassográficos, o que os tornam peças de inestimável valor histórico e científico para a instituição. Também de inegável valor encontram-se as cabeças-troféu vistas por Giglioli em 1866, importantes pela raridade e ainda conservadas no Museu Nacional.

**Palavras-chave:** Museu Nacional; *Museo Zoologico dei Vertebrati di Firenze*; Munduruku; cabeça-troféu.

### **Exchanging animal specimens for Munduruku head trophies: an interchange experience between Enrico Giglioli and the Brazilian *Museu Nacional* in the second half of the 19th century**

**Abstract:** In the late nineteenth century, the Brazilian *Museu Nacional* and the *Museo Zoologico dei Vertebrati di Firenze del Regio Istituto di Studi Superiori*, Florence, Italy, established direct communication and promoted a bilateral exchange of scientific material, both zoological and ethnological. Enrico Hyllier Giglioli, an Italian naturalist, was in charge of this interchange experience that began in 1866 after his visit to the *Museu Nacional*. The museum was one of his destinations during his most memorable trip around the world aboard the Magenta frigate. In his career, Giglioli's professional interests included oceanography, ichthyology, ornithology and anthropology. In 1889, as the director of the Florence Museum, he sent zoological specimens from Italy and from various world regions to the *Museu Nacional*. Giglioli showed great interest in ethnological objects such as the Munduruku head trophies, which were one of the most valuable and desired samples found at the *Museu Nacional* at that time. The present research has shown that among the material Giglioli sent to the *Museu Nacional*, a few specimens of deep-water Mediterranean fishes can still be found in the Museum's permanent collection. These samples have become invaluable objects of both historical and scientific value for the institution. Also, of the same importance owing to their rarity, the head trophies seen by the naturalist researcher in 1866 are still kept by the *Museu Nacional*.

**Key words:** *Museu Nacional*; *Museo Zoologico dei Vertebrati di Firenze*; Munduruku; head trophies.

## **1 INTRODUÇÃO**

No período de 1889 até 1898 o Museu Nacional manteve com o Museu Zoológico de Vertebrados do Real Instituto de Estudos Superiores de Florença (*Museo Zoologico dei Vertebrati di Firenze del Regio Istituto di Studi Superiori in Firenze*), Itália, uma contínua correspondência e permuta de materiais científicos que incluíram, além de exemplares zoológicos (peixes, anfíbios, répteis, aves e mamíferos), também a remessa de material etnográfico para a Itália.

O responsável pelo intercâmbio entre as duas instituições foi o então diretor do Museu Zoológico de Vertebrados do Real Instituto de Estudos Superiores de Florença, Enrico Hillyer Giglioli (1845-

1909), que possuía grande interesse em manter com o Museu Nacional um permanente intercâmbio entre as duas instituições.

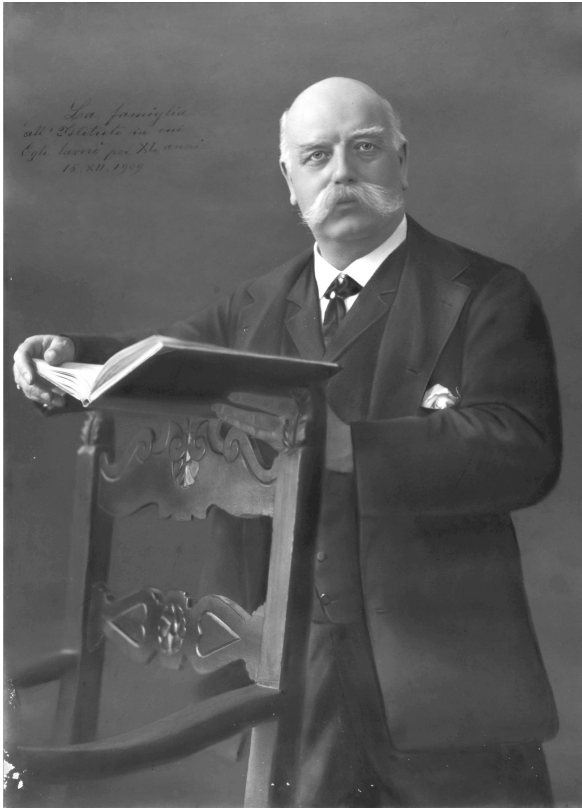
Apesar do desejo de proceder à permuta de exemplares zoológicos, pode-se deduzir através do conteúdo de suas cartas e das propostas de intercâmbio o grande interesse de Giglioli em obter exemplares etnológicos para uma coleção antropológica que montava em Florença. Entre os exemplares que mais cobiçava, encontrava-se uma cabeça-troféu Munduruku, peça rara no final do século XIX.

Pesquisas efetuadas junto às coleções das duas instituições, entretanto, revelaram que poucos exemplares enviados de Florença ainda permanecem conservados no acervo do Museu Nacional, o mesmo ocorrendo com o material encaminhado à Itália. Identificar os exemplares remanescentes e relacioná-los à documentação presente no Museu Nacional, ressaltando sua importância histórica e científica, tornou-se o grande objetivo deste trabalho. Também foram considerados os resultados positivos do intercâmbio e a comprovação de sua efetivação através do levantamento realizado junto aos livros de entrada do museu de Florença.

## 2 O NATURALISTA ENRICO GIGLIOLI

Filho do médico e antropólogo italiano Vincenzo Giglioli que se encontrava exilado na Inglaterra por motivos políticos, Enrico Hillyer Giglioli (Figura 1) nasceu em Londres em 13 de junho de 1845. Com o retorno da família à Itália, Giglioli frequentou o Instituto Técnico de Pádua e, aos 16 anos, ganhou uma bolsa de estudo que lhe permitiu frequentar a *Royal School of Mines*, em Londres, de 1861 a 1863. Durante sua permanência na cidade, Giglioli teve a oportunidade de estudar as ciências naturais conhecendo, nesse ínterim, os maiores cientistas ingleses do momento como Charles Darwin, Charles Lyell, Richard Owen e Thomas Huxley. De volta à Itália, em 1864, Giglioli formou-se em Ciências Naturais pela Universidade de Pisa, onde seu pai ocupava a cátedra de Antropologia. Nesta época, Giglioli manteve relações com Filippo De Filippi, diretor do Museu Zoológico de Turim. Graças a ele, Giglioli tornou-se professor do Instituto Técnico de Casale Monferrato, no Piemonte, sendo indicado para participar de uma viagem para circundar o mundo, a qual ocorreu de outubro de 1865 a 1868, a bordo da fragata Magenta. Ao final do cruzeiro,

Giglioli foi trabalhar na Universidade de Turim com a incumbência de classificar e organizar as ricas coleções zoológicas e entomológicas coletadas durante a viagem. No ano seguinte, em 1869, tornou-se professor de Zoologia e Anatomia Comparada de Vertebrados no Real Instituto de Estudos Superiores de Florença. Em 1876 fundou a Coleção Central dos Vertebrados Italianos, que hoje tem o seu nome e, em 1877, passou a ocupar a direção do Gabinete de Zoologia de Vertebrados do referido instituto, permanecendo no cargo até o dia de sua morte, em 16 de dezembro de 1909 (D'Entrèves *et al.*, 1996).



**Figura 1.** Enrico Hillyer Giglioli, em fotografia doada pela família ao Museu de Florença por ocasião de sua morte em 16 de dezembro de 1909 (foto do acervo do Museu de História Natural da Universidade de Florença).



**Figura 2.** Capa do volume com relato da viagem da fragata Magenta, de autoria de Enrico Giglioli, publicado em 1875 em Milão, Itália.

Durante sua vida acadêmica Giglioli interessou-se por vários temas científicos como a oceanografia, com a descoberta da fauna abissal do Mediterrâneo, a ictiologia e a ornitologia, além de se interessar pelos estudos antropológicos, como resultado da influência de seu pai. Manteve, assim, grande ligação com renomados antropólogos italianos, como De Filippi e Paolo Mantegazza. Criou, então, uma coleção com os materiais etnológicos resultantes da viagem a bordo da fragata Magenta e de inúmeros outros objetos obtidos através de suas relações sociais e científicas com várias partes do mundo, incluindo o Museu Nacional, que certamente teriam se iniciado quando de sua passagem pelo Rio de Janeiro, no início de 1866.



**Figura 3.** Iconografia do exemplar número 855 da coleção Munduruku do Museu Nacional, uma das duas cabeça-troféu Munduruku vistas por Enrico Giglioli quando de sua visita ao museu em janeiro de 1866 e, anteriormente, por Thomas Ewbank vinte anos antes, em janeiro de 1846. Fonte: Setor de Etnologia, Departamento de Antropologia, Museu Nacional.

### **3 A PASSAGEM PELO RIO DE JANEIRO**

Enrico Giglioli estabeleceu seu primeiro contato com o Museu Nacional em janeiro de 1866, quando teve a oportunidade de passar pelo Rio de Janeiro na célebre viagem ao redor do mundo a bordo da fragata Magenta, que relatou posteriormente em sua obra publicada cerca de sete anos após o término da viagem (Giglioli, 1875; Figura 2). Quando de sua permanência na cidade preocupou-se em conhecer os produtos da terra, a Floresta da Tijuca, a parte baixa da cidade e também algumas fazendas. Interessou-se pelos costumes locais e

observou as condições penosas dos escravos. Em 6 de janeiro de 1866, cinco dias antes de sua partida para Montevidéu, foi inclusive recebido, junto com os oficiais da fragata Regina, pelo imperador Dom Pedro II e por Dona Teresa Cristina, tia do ex-rei de Nápoles (Giglioli, 1875; D'Entrèves *et al.*, 1996).

Em dia não determinado visitou o Museu Nacional e suas exposições, sobre as quais apresentou um breve relato, considerando negligenciada a exibição de exemplares da fauna brasileira em detrimento de espécimens provenientes de outras regiões, mas que teriam pouco interesse para os naturalistas estrangeiros que desejassem conhecer melhor os representantes faunísticos do país. Seu texto destaca principalmente a mostra etnológica do museu, com ênfase aos exemplares representantes das culturas indígenas brasileiras e demonstra interesse particular pela presença de cabeças-troféu preparadas pelos índios da tribo Munduruku (Figura 3):

[...] Tra gli oggetti etnologici v'erano pure alcune teste così ben conservate da stare a pari di quelle della Nuova Zelanda; sono preparate dai Mundurucús, e conservano i capelli, ed anche in parte le fattezze ed il colore originali. Sulla guancia osservasi una linea di tatuaggio turchina; la lingua è forata e vi passano cordicelle di cotone; le orbite e la bocca sono ripiene di una gomma nera, ed entro le piume sono infissi i denti incisivi di un roditore; dalle orecchie pendono grossi fiocchi di penne gialle e nere. Questo barbaro costume sembra caduto in disuso presso quelle tribù che sono più a contatto colla civiltà, certo è che quelle teste sono ora rarissime. La loro preparazione era semplicissima: appena recise con coltelli di bambù ed estrattone il cervello, erano immerse in un olio amaro vegetale detto andiroba e lentamente essicate sopra il fumo di un fuoco od al sole. Bates fu undici anni nell'Amazônia, ma non potè vederne una sola. Tutte quelle da me vedute (quattro) avevano i capelli rasi sul fronte meno uno spazio circolare largo quanto uno scudo ove erano corti; sul rimanente della testa erano lunghissimi. (Giglioli, 1875, p. 41)

A notícia da presença das cabeças-troféu na exposição do Museu Nacional não era novidade na literatura produzida pelos naturalistas viajantes que visitavam a instituição, quando passavam pelo Rio de Janeiro, parada praticamente obrigatória aos navios que se dirigiam ao sul do continente sul-americano. Segundo Santos *et al.* (2007), as ca-

beças-troféu teriam provavelmente chegado ao museu em 1830 junto com peças etnográficas do Alto Amazonas e do Pará e, em 1844, já constavam do levantamento geral da instituição; entretanto, Jean-Baptiste Debret já havia ilustrado em aquarela, em 1828, uma “múmia indiática”, provavelmente uma das cabeças-troféu Munduruku e, em duas outras aquarelas de 1829, duas cabeças Maori que se encontravam no Museu Nacional (Bandeira & Lago, 2007). Thomas Ewbank, em 27 de janeiro de 1846, observou as cabeças-troféu Munduruku nas exposições do museu, registrando na descrição de sua viagem publicada poucos anos depois:

[...] Existem algumas cabeças embalsamadas do Amazonas. Os tapajós conservavam dessa forma o crânio de seus inimigos e em ocasiões especiais levavam-nos pendurados ao peito como amuletos.

Sua aparência é horrível, pior que a dos espécimes neozelandezes colocados a seu lado. A órbita dos olhos é cheia de um material preto e resinoso, no qual estão colocados pequenos pedaços de osso ou concha. Nas bocas abertas foram introduzidas as extremidades de fortes cordões amarrados e o conjunto é cheio de cimento. Um punhado de cabelos preto ainda resta na coroa da cabeça e quantidade considerável adere ao occipital. Grandes e belas rosetas de penas ocultam as orelhas, como os ornamentos de fitas semelhantes usados pelas mulheres de hoje. (Ewbank, 1976, p. 97)

Tanto Thomas Ewbank como Enrico Giglioli apresentaram uma breve descrição das cabeças-troféu por eles observadas, mas, ao contrário de Ewbank, Giglioli assinalou a existência de quatro cabeças que atribuiu aos Munduruku. Na realidade, das quatro cabeças que se encontravam expostas, somente duas correspondiam a cabeças-troféu Munduruku, sendo as outras duas maoris, ou seja, procedentes da Nova Zelândia. As quatro cabeças vistas pelos dois pesquisadores ainda permanecem no acervo de Etnologia do Departamento de Antropologia do Museu Nacional, embora não mais expostas, face ao seu precário estado de conservação, principalmente os exemplares Munduruku.

Cabeças-troféu Munduruku, assim como as cabeças dos guerreiros maoris, tornaram-se muito cobiçadas no século XIX pelos colecionadores europeus, particularmente em sua segunda metade, na mesma época, portanto, que Giglioli esforçava-se na montagem de uma cole-

ção antropológica. Para obter ao menos um exemplar, tinha à sua disposição exemplares zoológicos que poderia oferecer em permuta, o que propôs em 1889, ao Museu Nacional.

#### 4 O INTERCÂMBIO COM O MUSEU NACIONAL

A primeira remessa de exemplares brasileiros ao museu de zoologia de Florença deu-se na década de 1870, aparentemente sem relação com o Museu Nacional, de acordo com os registros do livro de entrada de material da instituição italiana (Dr<sup>a</sup>. Marta Poggesi, *Museo di Storia Naturale, Sezione di Zoologia “La Specola”*, da Universidade de Florença: comunicação por e-mail, 30/05/2008). São dois registros, um relativo ao ano de 1874, com a entrada de 34 pássaros enviados pelo cônsul denominado Bizzarro, e outro de 1875, este documentando a entrada de um número bem maior de exemplares provenientes do Brasil, com 177 pássaros, 11 mamíferos e 46 répteis, enviados pelo comendador “Lopez Netto”. Nessa ocasião Giglioli já se encontrava no Instituto de Estudos Superiores, mas, aparentemente, foi apenas em meados da década seguinte, já como diretor do Gabinete de Zoologia, que trocou correspondência com o Museu Nacional.

Não foi possível identificar o primeiro doador do material zoológico ao museu de Florença que, certamente, não pertencia ao quadro do Museu Nacional à época. Sobre “Lopez Netto”, certamente tratava-se do barão Felipe Lopes Netto, comendador da Imperial Ordem da Rosa e que mantinha correspondência com Giglioli enviando-lhe também publicações brasileiras sobre antropologia (p. ex., Giglioli, 1877). Em 20 de março de 1877, Lopes Netto chegou a ser eleito membro da Sociedade Italiana de Antropologia e Etnologia (*Società Italiana di Antropologia e di Etnologia*) de Florença, da qual Giglioli era vice-presidente. Deve-se ressaltar também a semelhança do nome com a citação feita por Lacerda (1905) sobre a doação de vários objetos procedentes da Lapônia, do Egito e da Rússia ao Museu Nacional, oferecidos por um certo “Dr. Philippe Lopes Netto” no ano de 1873, portanto em ano coincidente com a década em que foram encaminhados os exemplares brasileiros para a Itália. Supõe-se, portanto, que se trata da mesma pessoa.

É possível que durante sua estada no Rio de Janeiro em janeiro de 1866, Giglioli tenha feito contato com os pesquisadores do Museu



Em sua carta, Giglioli listou o material zoológico que encaminhava à instituição, composto por 10 mamíferos, 10 aves, 2 répteis, 45 peixes e 20 exemplares de anfioxos, num total de 87 amostras. Em contrapartida, propunha a permuta por material zoológico brasileiro e, também, etnológico.

Os exemplares de mamíferos, aves e répteis, taxidermizados, eram provenientes da África (Saara, Abissínia, Guiné, Senegal, Transvaal e Madagascar), Austrália, China e, principalmente, da Itália (Toscana, Mantova e Livorno); os peixes, conservados em álcool, correspondiam a exemplares do Mediterrâneo, de grande profundidade, procedentes da região de Messina, na Sicília, resultado de seu interesse pela oceanografia e participação na coleta da fauna marinha de grande profundidade. Também procediam de Messina os exemplares de anfioxos (Tabela 1).

**Tabela 1.** Lista dos espécimens enviados por Enrico Giglioli ao Museu Nacional relacionados em sua carta de 24/07/1889 (Doc. MN 64A, pasta 28). Observações: † = registro não encontrado; (\*/\*\*) = Número de exemplares enviados/Número de exemplares encontrados.

#### A. Exemplares preparados (montados) a seco.

MN	*/**	Espécie	Observações	Procedência
†	1/0	<i>Felis leo</i> var. <i>barbarus</i>	Macho, adulto	Saara
†	1/0	<i>Canis vulpes</i> var. <i>melanogaster</i>	Macho, adulto	Toscana/Itália
†	1/0	<i>Neotragus saltianus</i>	Macho, adulto	Abissínia
†	1/0	<i>Bos guineensis</i>	Fêmea, juv.	Guiné
†	1/0	<i>Erinaceus europens</i>	Fêmea, adulta	Toscana/Itália
†	1/0	<i>Vesperus serotinus</i>	Macho, adulto	Toscana/Itália
†	1/0	<i>Pteropus poliocephalus</i>	Fêmea, adulta	Sidney/Austrália
†	1/0	<i>Lemur mongoz</i>	Macho, adulto	Madagascar
†	1/0	<i>Propithecus diadema</i>	Macho, adulto	Madagascar
†	1/0	<i>Rhinoceros bicornis</i>	Chifre ant.	Transval
†	1/0	<i>Buteo vulgaris</i> var. <i>pojana</i>	Macho	Toscana/Itália
†	1/0	<i>Circus aerginosus</i>	Macho	Mantova/Itália
†	1/0	<i>Tinnunculus alandarius</i>	Macho, adulto	Toscana/Itália
†	1/0	<i>Brachyotus palustris</i>	Macho, adulto	Toscana/Itália
†	1/0	<i>Strix flammea</i>	Macho, adulto	Toscana/Itália
†	1/0	<i>Lycos monedula</i>	Fêmea, adulta	Toscana/Itália
†	1/0	<i>Garrulus glandanus</i>	Macho	Toscana/Itália

†	1/0	<i>Podiceps cristatus</i>	Macho	Toscana/Itália
†	1/0	<i>Ardea purpurea</i>	Fêmea, juv.	Toscana/Itália
†	1/0	<i>Syrnaticus reevesi</i>	Macho, adulto	China
†	1/0	<i>Hydrosaurus varius</i>	Muito grande	Vitória/Austrália
†	1/0	<i>Python sebae</i>	Fêmea, adulta	Senegal
†	1/0	<i>Oxyrhina spallanzanii</i>	Fêmea, adulta	Livorno/Itália
†	1/0	<i>Scyllium stellare</i>	Macho, adulto	Livorno/Itália

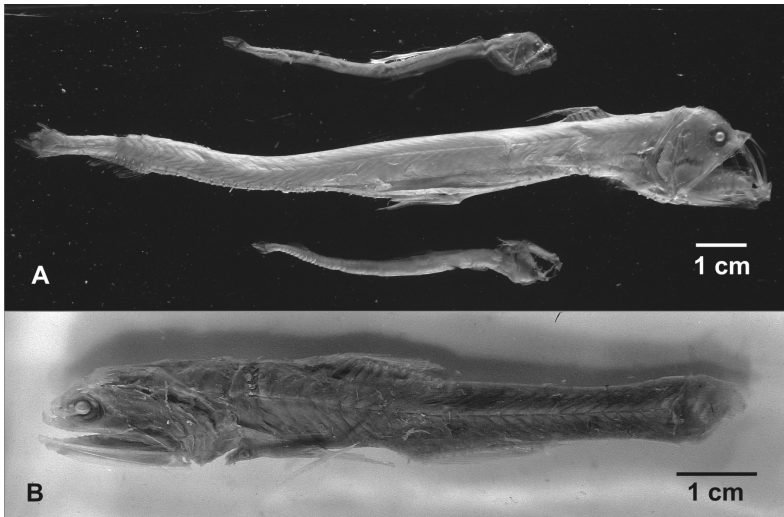
B. Peixes de grande profundidade e anfioxos preservados em álcool, todos procedentes de Messina, Itália.

MN	*/**	Espécie	Coleta	Prof.
†	3/0	<i>Gonostoma denudatum</i>	Out. 1884	1.500 m
2035	5/5	<i>Scopelus benoiti</i> (= <i>Myctophum benoiti</i> )	Out. 1884	1.900 m
2071	1/1	<i>Scopelus crocodilus</i> (= <i>Lampanyctus crocodilus</i> )	Set. 1886	1.500 m
3141	3/3	<i>Scopelus caninianus</i>	Dez. 1881	1.300 m
3433	2/2	<i>Scopelus rafinesquii</i>	Dez. 1881	1.500 m
2268	5/0	<i>Scopelus rissoi</i>	Set. 1882	1.000 m
†	4/0	<i>Maurolicus amethystino punctatus</i>	Set. 1886	1.200 m
†	1/0	<i>Maurolicus pococriæ</i>	Set. 1883	1.000 m
3423	7/7	<i>Argyropelecus hemigymnus</i>	Fev. 1885	1.000 m
1581	3/3	<i>Microstoma rotundatum</i> (= <i>Microstoma rotunda</i> )	Set. 1887	1.500 m
†	4/0	<i>Chlorophthalmus agassizii</i>	Set. 1887	1.000 m
†	2/0	<i>Coccia ovata</i>	Set. 1878	1.000 m
2275	3/3	<i>Chauliodus sloani</i>	Set. 1883	1.500 m
487	20/20	<i>Branchiostoma (Amphioxus) lanceolatum</i>	Set. 1878	–

O material, acondicionado nas duas caixas, chegou ao Rio de Janeiro em final de agosto ou início de setembro do mesmo ano, procedente de Gênova, a bordo do vapor francês Poitou. O diretor do Museu Nacional, após ter pago o frete de cinquenta e oito mil e cento e dez réis (58\$110), solicitou através de ofícios em 6 de setembro, tanto o reembolso da referida quantia ao conselheiro Lourenço Cavalcanti de Albuquerque, Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Agricultura, Comércio e Obras Públicas (RA 9/D 9, p. 141),

como a liberação das caixas ao conselheiro Barão de Sampaio Vianna, Inspetor da Alfândega da Corte (RA 9/D 9, p. 141v).

A liberação das referidas caixas e a inclusão dos exemplares no acervo do Museu Nacional, entretanto, somente deve ter ocorrido a partir de fevereiro do ano seguinte, conforme se pode deduzir em virtude da nova solicitação de liberação apresentada pela direção do museu, em 27 de janeiro de 1890, ao Dr. Ubaldino do Amaral, Inspetor da Alfândega do Rio de Janeiro (Doc. MN RA 9/D 9, Of. nº 05 de 1890).



**Figura 5.** Exemplares dos peixes do Mediterrâneo procedentes de Messina, Itália, enviados por Enrico Giglioli em 1889 e que ainda se encontram na coleção de ictiologia do Departamento de Vertebrados do Museu Nacional. A) *Chauliodus sloani*, MNRJ 2275; B) *Scopelus crocodilus* (= *Lampanyctus crocodilus*), MNRJ 2071.

Na carta, Giglioli comentava a importância de alguns exemplares que remetia ao Museu Nacional como o grande tubarão do Mediterrâneo, *Oxyrhina spallanzanii*, e a raridade do lêmur *Propithecus diadema*, procedente de Madagascar. Alguns certamente chegaram a ser colocados em exposição, como o “[...] belíssimo exemplar do leão da Barbaria, adulto, dadaiva do museu de Florença, [...] em uma das salas

do 2º pavimento, pela perfeição do trabalho taxidérmico, assim como pela postura natural do felino” (Lacerda, 1905, p. 91).

Nem todos exemplares enviados por Giglioli em 1889 encontram-se hoje em dia no acervo do museu, principalmente os exemplares de mamíferos, aves e répteis. A perda deve ter ocorrido ao longo do século XX, quando foram descartados vários exemplares taxidermizados das coleções zoológicas devido ao seu precário estado de preservação. Entre os peixes, o importante exemplar do tubarão mediterrânico taxidermizado também não foi encontrado. Os exemplares de águas profundas, conservados em álcool, tiveram melhor sorte, com oito dos frascos enviados ainda presentes na coleção de ictiologia e devidamente numerados (Tabela 1; Figura 5). Quanto aos demais frascos, o de número MNRJ 2268 (*Scopelus rissoi*) extraviou-se e, os restantes certamente desapareceram antes da reestruturação da coleção, ocorrida certamente na década de 1940.

Os exemplares de peixes têm uma importante relação com o interesse que Giglioli tinha pela fauna marinha de grande profundidade, pois certamente foram coletados por ele durante sua participação nas campanhas talassográficas realizadas a bordo dos navios Olga, Marcantonio Colonna e Washington, principalmente entre os anos de 1881 e 1884. Através das anotações das datas de coleta é possível correlacionar alguns dos exemplares que ainda se encontram no acervo do Museu Nacional às respectivas campanhas. Os exemplares de *Scopelus caninianus* (MNRJ 3141) e *Scopelus rafinesquii* (MNRJ 3433), por exemplo, foram coletados durante a campanha realizada de novembro a dezembro de 1881, em que Giglioli registrou a coleta de mais de 2.000 exemplares de peixes da costa dos mares Adriático e Jônico, e nas costas da Sicília.

Giglioli surpreendeu, entretanto, pela ênfase com que escreveu sobre o material etnográfico que solicitou em permuta, particularmente “a cabeça mumificada de Mundurucú”. Encontram-se atualmente no museu de Florença dois registros de cabeças humanas ressecadas de guerreiros Parintintin preparadas pelos índios mundurucus como troféus de guerra (Dr<sup>a</sup>. Maria Gloria Rosseli, *Museo di Storia Naturale* da Universidade de Florença: comunicação por e-mail, 30/05/2008). Entretanto, não se pode afirmar com exatidão se pertenciam à coleção de Giglioli e nem a data de entrada, embora a mesma tenha ocorrido certamente ainda no século XIX. A permuta

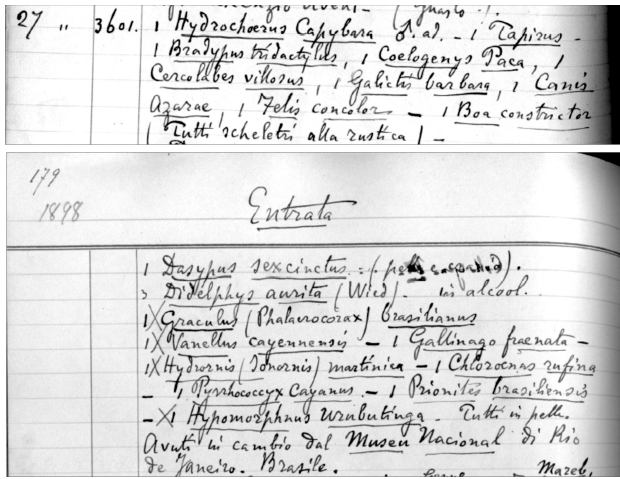
pela cabeça-troféu solicitada por Giglioli, assim, não fica comprovada, até porque desconhece-se a existência de exemplares adicionais de cabeças-troféu que estivessem disponíveis na coleção do Museu Nacional para intercâmbio com outras instituições.

É interessante notar que Giglioli montou em sua casa ao longo da vida uma coleção composta por cerca de 13.000 objetos referentes à pré-história e, particularmente, etnográficos, constituindo um verdadeiro museu etnográfico, os quais ganhou, comprou ou obteve durante a viagem a bordo da fragata Magenta. Após sua morte foram doados pela família ao Museu Nacional Pré-histórico Etnográfico “L. Pigorini” (*Museo Nazionale Preistorico Etnografico “L. Pigorini”*), em Roma (Petrucci, 1983). Entre os objetos brasileiros de sua coleção constava uma cabeça-troféu Munduruku:

O material referente ao Brasil é abundante[...] Aos Mundurukú pertence um raro troféu de guerra – cabeça mumificada de inimigo, provavelmente um Arara – com linhas de tatuagem sobre a pele, cabelos curtos e cortados dos lados para o centro, olhos formados por uma massa de resina preta, dentro da qual está incrustado um dente inciso de capivara. As orelhas são cobertas com rosetas de plumas pretas e amarelas com atilhos de fio de algodão, das quais descem longos pingentes de penas coloridas. (Petrucci, 1983, p. 49)

Para Petrucci (1983), essa cabeça-troféu representava um exemplar de grande valor, preparada pelos Mundurukus ainda em 1875. O exemplar pode ter sido obtido por ganho ou provavelmente por compra, não havendo indícios de que tenha sido enviado pelo Museu Nacional.

Durante a década de 1890, o Museu Nacional efetuou pelo menos duas remessas de material zoológico e etnológico a Giglioli. A primeira, conforme o registro M3398 do antigo livro de entrada do Museu de Zoologia de Florença, o Museu Nacional encaminhou em 1895 cinco exemplares de répteis, consistindo de dois exemplares montados do jacaré *Alligator fisisipes* (atualmente classificado como *Caiman fisisipes*), um de *Podocnemys expansa*, espécie conhecida como tartaruga da Amazônia e dois de *Testudo hercules* (atualmente *Chelonoidis denticulata*, uma espécie de jabuti que se encontra na lista de animais com risco de extinção). Entretanto, não foram encontrados documentos relativos a essa remessa nos arquivos do Museu Nacional.



**Figura 6.** Ilustração do registro M3601 do livro de entrada de material do Museu de História Natural da Universidade de Florença, datado de 1898, assinalando a sua aquisição por permuta com o “Museu Nacional do Rio de Janeiro” (Fonte: Marta Poggesi).

Em 23 de junho de 1898, Giglioli encaminhou ao diretor do Museu Nacional nova correspondência em que comunicava ter enviado à instituição, sete meses antes, portanto em dezembro de 1897, uma importante coleção de mamíferos e outros animais, solicitando, novamente em troca, principalmente objetos etnológicos (Doc. MN 95, pasta 37). Não foi possível identificar no Museu Nacional documentos ou registros desse material, que certamente deve ter chegado à instituição. Por coincidência, em 20 de junho o diretor do Museu Nacional solicitava a colaboração do cônsul Antonelli do Consulado Geral da Itália no Brasil, o favor de remeter a Giglioli três caixotes contendo espécimens zoológicos e objetos etnográficos, solicitação à qual o cônsul respondeu favoravelmente (Doc. MN RA 12, Of. nº 70 de 20/06/1898 e Doc. MN 94A, pasta 37, de 21/06/1898, respectivamente).

A remessa chegou a Giglioli, conforme se pode constatar pelo registro M3601 do livro de entrada do Museu de Zoologia de Florença (Figura 6) e pela carta de Giglioli datada de 29 de agosto de 1898 (Doc. MN 149, pasta 37). Com relação ao material zoológico, foram 21 exemplares representados pelas espécies listadas em seguida, in-

cluindo mamíferos, répteis e aves: *Hydrochoerus capybara*, *Tapirus* [sp.], *Bradypus tridactylus*, *Coelogenys paca*, *Cercolabes villosus*, *Galictis barbara*, *Canis azarae*, *Felis concolor*, *Boa constrictor*, *Dasyypus sexcinctus*, três espécimes de *Didelphys aurita*, *Graculus (Phalacrocorax) brasilianus*, *Vanellus cayennensis*, *Gallinago fraenata*, *Hydrornis (Ionornis) martinica*, *Chloroenas rufina*, *Pyrrhococcyx cayanus*, *Prionites brasiliensis* e *Hypomorphnus urubutinga*. Não se tem o registro do material etnográfico enviado a Florença, pois segundo a Dra. Marta Poggesi (comunicação por e-mail), a maior parte do material antropológico da coleção Giglioli foi enviada ao Museu Nacional Pré-histórico Etnográfico “Luigi Pigorini” (*Museo Nazionale Preistorico Etnografico “Luigi Pigorini”*), em Roma.

## 5 CONCLUSÃO

Através da pesquisa realizada foi possível registrar a importância das relações entre duas instituições científicas dedicadas à pesquisa e às coleções de História Natural durante o século XIX, proporcionando o enriquecimento de seus acervos e impulsionando o desenvolvimento das ciências nos respectivos países. O intercâmbio de inúmeros espécimens faunísticos entre o Museu de Zoologia de Florença e o Museu Nacional destaca a importância da construção de acervos diversificados em termos de procedência, naquelas décadas posteriores à publicação do clássico *Origem das espécies*, de Charles Darwin, que veio revolucionar a compreensão das ciências naturais e, mais especificamente, da zoologia.

Ressalta-se a importância que Enrico Giglioli dava aos exemplares da fauna tropical brasileira e sua decepção ao observar que o Museu Nacional, quando de sua passagem pela instituição no início de 1866, não compartilhava deste interesse. Outro aspecto a ser destacado é o fascínio de Giglioli pelo material antropológico proveniente do Brasil, exemplificado pela sua insistência em obter para sua instituição as cabeças-troféu Munduruku. Certamente este fascínio era acompanhado não somente pela comunidade científica européia, mas pelo numeroso público que visitava as coleções daquelas instituições.

Lamentavelmente, grande parte do acervo zoológico enviado por Giglioli ao Museu Nacional foi perdido ao longo do século XX, certamente devido às dificuldades de preservação de espécimens orgânicos sob o clima tropical da cidade do Rio de Janeiro. Por outro lado,

o registro das entradas e saídas de materiais intercambiados entre as duas instituições pôde ser recuperado através de um árduo trabalho de resgate efetuado nos dois países. Os exemplares ainda presentes nos acervos do Museu Nacional do Rio de Janeiro e do Museu de História Natural da Universidade de Florença revelam-se, assim, de grande importância científica como histórica para as duas grandes instituições.

## **AGRADECIMENTOS**

Este trabalho foi realizado com apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ). Agradecemos à bibliotecária e Prof<sup>ª</sup>. Maria José Veloso da Costa Santos e à especialista em arquivos Sílvia Ninita de Moura Estevão, pelo auxílio e disponibilização dos documentos do Setor de Memória e Arquivo do Museu Nacional (SEMEAR). Aos professores João Alves de Oliveira, Marcelo Britto e Ronaldo Fernandes, do Departamento de Vertebrados do Museu Nacional, pelas informações referentes à identificação dos exemplares zoológicos procedentes da Itália e ainda presentes na instituição. Ao Prof. Adilson Dias Salles (Departamento de Anatomia do Centro de Ciências da Saúde, UFRJ), Dr<sup>ª</sup>. Sheila Maria Ferraz Mendonça de Souza (Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca, Fiocruz), Prof. Dr. João Pacheco de Oliveira e Dr<sup>ª</sup>. Fátima Regina Nascimento (Departamento de Antropologia, Museu Nacional) pelas informações e bibliografia sobre as cabeças-troféu dos índios Mundurucus e acesso à coleção de Etnologia do Museu Nacional. Os autores fazem um agradecimento especial às doutoras Marta Poggesi e Maria Gloria Rosselli (Museu de História Natural da Universidade de Florença), pelas valiosas informações, documentação e fotografias relacionadas a Giglioli, que auxiliaram de forma significativa a elaboração deste trabalho. Ao Museu de História Natural da Universidade de Florença pela permissão de divulgação da fotografia de Enrico Giglioli.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

BANDEIRA, Júlio; LAGO, Pedro Corrêa do. *Debret e o Brasil. Obra completa 1816-1831*. Rio de Janeiro: Capivara, 2007.

- D'ENTRÈVES, Pietro Passerin; LATTANZI, Vito; SHEPHERD, Elizabeth Jane; BARBAGLI, Fausto; VIOLANI, Carlo; CIRUZZI, Sara; CALZOLARI, Silvio. Enrico Hillyer Giglioli: l'uomo, il naturalista, il viaggiatore. *L'Universo*, (5): 625-672, 1996.
- EWBANK, Thomas. *A vida no Brasil; ou, Diário de uma visita à terra do cacauero e das palmeiras, com um apêndice contendo ilustrações das artes sul-americanas antigas*. Tradução de Jamil Almansur Haddad. Belo Horizonte / São Paulo: Itatiaia / EDUSP, 1976.
- GIGLIOLI, Enrico Hillyer. *Viaggio intorno al globo della R. Pirocorvetta Italiana "Magenta" negli anni 1865, 1866, 1867, 1868, sotto il comando del capitano di fregata V. F. Arminjon*. Relazione descrittiva e scientifica pubblicata sotto gli auspici del Ministero di Agricoltura, Industria e Commercio. Con introduzione etnologica di Paolo Mantegazza. Milano: V. Maisner e C., 1875.
- GIGLIOLI, Enrico Hillyer. Lo studio dell'etnologia al Brasile. *Archivio per l'Antropologia e la Etnologia*, 7 (1): 40-49, 1877.
- LACERDA, João Baptista de. *Fastos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905.
- PETRUCCI, Valéria. As coleções etnográficas brasileiras na Itália. Pp. 47-55, in RIBEIRO, Berta G.; MOREIRA NETO, Carlos Araújo; HOONAERT, Eduardo; PETRUCCI, Valéria (eds.). *A Itália e o Brasil indígena*. Rio de Janeiro: Index Editora, 1983.
- RODRIGUES, João Barbosa. *História natural*. Jornal do Commercio, 18 de outubro de 1886.
- SANTOS, Sheila Ferreira dos; SALLES, Adilson Dias; SOUZA, Sheila Maria Ferraz Mendonça de; NASCIMENTO, Fátima Regina. Os Mundurukus e as "cabeças-troféu". *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, 17: 365-380, 2007.